

**Ecopedagogia e Ecologia  
Integral: Curso de Extensão**

Tatiana Maciel Gontijo de Carvalho

## **Introdução**

O curso de extensão em Ecopedagogia e Ecologia Integral foi uma proposta de formação extracurricular, e visou seguir as diretrizes contidas no Parâmetros Curriculares Nacionais sobre Educação Ambiental. A resolução do MEC nº. 02/2012, em seu artigo 19, ao tratar dos sistemas de ensino e regime de colaboração, nos orienta que os órgãos normativos e executivos dos sistemas de ensino devem articular-se com as universidades e demais instituições formadoras de profissionais da educação, para que os cursos e programas de formação inicial e continuada de professores, que atuam na Educação Básica e na Superior, capacitem para o desenvolvimento didático-pedagógico da dimensão da Educação Ambiental na sua atuação escolar e acadêmica. E, nesse mesmo artigo, o parágrafo 1º afirma que os cursos de licenciatura, que qualificam para

a docência na Educação Básica, devem incluir formação com essa dimensão, com foco na metodologia integrada e interdisciplinar.

O objetivo foi proporcionar aos alunos graduandos dos cursos de licenciatura da UEMG Ibirité, e a quem pudesse interessar, um curso teórico e prático, que incluísse uma metodologia integrada, em quatro módulos, ao longo do ano letivo de 2016. Procurou-se desenvolver com os alunos e membros da comunidade externa os fundamentos teóricos e práticos da Ecopedagogia (GADOTTI, 2000), da Ecologia Integral (GUATTARI, 2009), da Alfabetização Ecológica (CAPRA, 2014) e da Epistemologia Ambiental (LEFF, 2006). A Ecopedagogia visa a uma educação voltada para a sustentabilidade e, nesse sentido, vai além da educação ambiental na medida em que se propõe a discutir princípios teóricos e epistemológicos do processo educativo, com destaque para as relações interpessoais, o respeito às diferenças, o desenvolvimento de habilidades e competências tais como a afetividade, a criatividade, o espírito colaborativo e a conscientização socioambiental da degradação que uma cultura de consumo excessivo e exploração sem limites aos recursos naturais acarreta. Da proposta de uma Ecologia Integral, explicitada pelo filósofo Félix Guattari em sua obra *As três ecologias* (2009), destaca-se o desdobramento de uma ética ecológica que perpassa os níveis pessoal, social e ambiental. Nas palavras desse autor:

— O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no

contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquínico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da reinvenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade? (GUATTARI, 2009, p. 8-9).

A expressão “alfabetização ecológica”, cunhada pelo físico e educador ambiental Fritjof Capra (2014), sintetiza sua proposta educativa de instigar e provocar o desenvolvimento de uma percepção sistêmica de mundo a partir da “tradução” dos princípios contidos nos ecossistemas, em uma cultura que objetiva a construção de uma sustentabilidade socioambiental. Assim, por exemplo, o princípio natural da interdependência entre os elementos que compõe o ciclo da água pode ser traduzido nos valores “solidariedade” e “atitude cooperativa”, no intuito de se construir uma cultura de sustentabilidade na comunidade antrópica. Ao todo Capra (2014) discorre sobre sete princípios. Por sua vez, a proposta de se discutir uma epistemologia ambiental, tal como apresentada por Enrique Leff (2006), teve o intuito de problematizar, de forma consciente, sobre o legado cientificista de uma racionalidade instrumental e utilitária herdada pelo paradigma da ciência moderna, a qual embasou, substancialmente, a exploração

e manipulação da Natureza de uma forma que, para além dos benefícios do progresso tecnológico, desencadeou um processo irreversível de destruição ambiental. Em contrapartida, é proposto nesta nova epistemologia que:

Esta racionalidade ambiental, na medida em que está sustentada por valores tais como, qualidade de vida, identidades culturais e sentidos da existência, abre-se a um diálogo entre ciência e saber, tradição e modernidade (LEFF, 2006, p. 144).

Com uma preocupação em envolver os graduandos em licenciatura e o público externo, em uma formação complementar, de modalidade extensiva, a proposta do curso de Ecopedagogia e Ecologia Integral vem ao encontro às demandas que o próprio meio ambiente nos coloca, e que é corroborada pelo Parâmetro Curricular Nacional (PCN). A formação superior possibilita uma complementariedade na modalidade extensão, e um curso na temática supracitada contribuiu para a construção de uma transversalidade de modo que impregnasse a prática educativa, criando uma visão sistêmica, onde os aspectos físicos e histórico sociais estivessem interrelacionados. Assim como o desenvolvimento, em cada participante, da capacidade de interrelacionar os níveis local e global.

A Década Internacional da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (UNESCO, 2005-2014), elaborada no Fórum Global para o Desenvolvimento Sustentável (Joanesburgo, 2002), sob a direção da ONU, sugere como principal objetivo a integração dos princípios, valores e práticas do

desenvolvimento sustentável a todos os aspectos da educação e da aprendizagem (UNESCO, 2005). Esse objetivo deve permanecer nas próximas décadas, visto ser um desafio que não foi alcançado na sua totalidade. Uma vez que o conceito de desenvolvimento sustentável e, mais especificamente, de sustentabilidade socioambiental, envolve uma compreensão das relações entre pessoas e entre pessoas e seu meio ambiente, o âmbito da educação, tratado aqui em um sentido amplo como perspectiva de aprendizagem, torna-se o *locus stricto sensu* de uma construção conjunta, de um novo olhar sobre a realidade circundante, que é o ambiente local sem deixar, todavia, de perceber a interdependência desse local com o nosso ambiente maior e global, que é o planeta Terra.

O curso de Ecopedagogia e Ecologia Integral UEMG Ibitaré foi ofertado na modalidade de extensão à comunidade acadêmica e externa. Como toda atividade acadêmica, técnica ou cultural, que não está inclusa como parte integrante e obrigatório do ensino, os cursos de extensão geralmente servem para complementar os conhecimentos numa determinada área, podendo ser muitas vezes multidisciplinares. Objetivam incrementar o currículo do graduando, e incluir mais conhecimento na bagagem de qualquer outro indivíduo pertencente ao público externo. Complementarmente, a proposta de elaboração de uma Agenda 21 Local, até o final do curso, foi feita de forma participativa com todos os cursistas. A “Agenda 21” é um documento na modalidade de acordo protocolar, lançado na ECO92 (ou Rio92, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – CNUMAD – realizada em 1992 na cidade

do Rio de Janeiro), que sistematiza um plano de ações com o objetivo de alcançar o desenvolvimento sustentável. A inovação trazida por essa agenda foi colocar em primeira ordem o que costumava ficar em último lugar quando o assunto era desenvolvimento: o meio ambiente. Composta por quarenta capítulos, a Agenda 21 é um instrumento de planejamento participativo onde se admite de forma explícita a responsabilidade dos governos em impulsionar programas e projetos ambientais por meio de políticas que propõem a justiça social e a preservação do meio ambiente.

Segundo o Ministério do Meio Ambiente, a Agenda 21 Local é um instrumento de planejamento de políticas públicas que envolve a sociedade civil e o governo em um processo amplo e participativo de consulta sobre os problemas ambientais, sociais e econômicos locais, e o debate sobre soluções para esses problemas através da identificação e implementação de ações concretas que visem o desenvolvimento sustentável local.

Para o governo brasileiro, a construção da Agenda 21 Local vem ao encontro da necessidade de se construir instrumentos de gestão e planejamento para o desenvolvimento sustentável. O processo de Agenda 21 Local pode começar tanto por iniciativa do poder público quanto da sociedade civil. De fato, a Agenda 21 Local é um processo e um documento de referência para Planos Diretores e orçamentos municipais, entre outros, podendo também ser desenvolvida por instituições escolares, comunidades rurais e em diferentes territorialidades tais como bairros, áreas protegidas e bacias hidrográficas. E reforçando ações

dos setores relevantes, a Agenda 21 na escola, na empresa e nos biomas brasileiros é uma demanda crescente, cuja maioria das experiências existentes têm-se mostrado muito bem-sucedidas.

Dada a importância da construção de uma agenda 21 local, surge como plano de trabalho a Agenda 21 Local, na UEMG Ibirité.

## **Metodologia**

Destaca-se, portanto, que um dos principais objetivos do curso de extensão em Ecopedagogia e Ecologia Integral foi proporcionar ao público acadêmico e externo uma formação teórica e prática, com abordagem multimetodológica.

O curso foi estruturado em quatro módulos no total de 80 horas/aula. O módulo I, “Alfabetização Ecológica”, teve como conteúdo o histórico da problemática ambiental e a apresentação dos princípios contidos no modo de organização dos ecossistemas, os quais, segundo Capra (2014), podem e devem ser traduzidos em valores para a construção de sociedades humanas sustentáveis, em outras palavras, para a construção de uma cultura voltada à sustentabilidade. Dois aspectos decorrentes dessa perspectiva teórica merecem destaque. Primeiro, a ideia básica de que tudo na Terra funciona em sistemas, compreendendo sistema como o padrão básico de organização da vida. Explicitamente, a matéria percorre redes de interdependência, em ciclos constantes movidos pela



energia do sol (CAPRA, 2014). Segundo os princípios organizacionais dos ecossistemas, ao serem “traduzidos” em valores para o embasamento de uma cultura de sustentabilidade, apontam para uma visão de mundo e de ciência não mais antropocêntrica, visto que, ao revés da tradição científica, não é o homem que ensina e molda a natureza, mas, sim, esta que lhe fornece as verdadeiras chaves de uma percepção da realidade, tais como as noções de redes, ciclos, parcerias, diversidade, equilíbrio, entre outras.

Com o intuito de ampliar a percepção ambiental dos cursistas, assim como a conscientização da relação de cada um com o meio ambiente, foram aplicadas técnicas como a “travessia do lugar” e a elaboração de mapas mentais, produzindo, ao final, uma escala da percepção de cada um que variava entre “nenhuma interação com o meio”, “pouca interação com o meio” e “muita interação como o meio”. Dessas atividades obteve-se o resultado de 90% ao apresentarem “pouca interação como o meio”. Ainda no módulo I foi aplicada a técnica do diagnóstico participativo denominada Biomapa, em que, com a participação de um professor de ecologia convidado, todos puderam desenhar o “mapa” natural e construído do espaço onde a Universidade se encontra, ao qual correspondem vários prédios com salas, laboratórios, administrativo, refeitório, banheiros, auditório e o entorno com um amplo espaço de área verde e um paisagismo exuberante, além de um horto com diversas mudas de árvores nativas e uma holambrinha, contendo também diversas mudas de plantas ornamentais. O espaço, por ser em parte aberto, com ruas que o atravessam, também possui um córrego e uma ponte, para que os

veículos possam circular. Dessa atividade, iniciaram-se os apontamentos de desafios que precisavam ser trabalhados na conscientização socioambiental. O Módulo I finalizou com uma Oficina de *Slow Food*, intitulada “A arte de fazer o pão”, em que foram feitos diversos pães integrais pelos participantes e discutidos princípios do movimento “slow food”, em contraposição ao predomínio do “fast food” em nossa cultura. A alfabetização ecológica passa, primeiramente, pela mudança pessoal de comportamento rumo a atitudes conscientes em todos os sentidos, da alimentação à reciclagem do lixo.

No módulo II, foram abordados os princípios da Ecopedagogia, além dos princípios dos jogos colaborativos. Compreendendo a Ecopedagogia como uma pedagogia voltada para a educação socioambiental e considerando que o desdobramento dessa proposta aponta para uma postura de ampliação das habilidades e competências, voltadas para as relações e para a re(descoberta) do sentido e da vida, destaca-se a retomada do debate de algumas categorias, tais como o imaginário, a curiosidade, a tolerância, a acolhida, o diálogo, a ação comunicativa, a empatia, o cuidado, entre outras (GADOTTI, 2000). Com esses fundamentos, foram realizadas oficinas de jogos colaborativos, uma com professora convidada, outra para a criação de novos jogos pelos cursistas e, uma terceira, como atividade final com o criador do “Jogo da Carta da Terra”, realizada em um parque no município de Belo Horizonte/MG. Compreende-se que, se as crianças não forem treinadas para ganhar nos jogos, para serem sempre as vencedoras e triunfarem, haverá uma grande redução

dos conflitos (MACGREGOR, 2005). O desenvolvimento de habilidades colaborativas caminha junto com a construção conjunta de uma cultura sustentável.

No Módulo III, ministrado pelo diretor do Centro de Ecologia Integral (CEI), foram abordados os princípios da Ecologia Integral. Integrando, nesta perspectiva, as dimensões pessoal, social e ambiental, a ideia que subjaz é a da reconstrução de uma visão de mundo e de uma percepção de si, do outro e do meio ambiente, tanto natural como construído, a partir da constatação de que existe uma conexão entre essas três dimensões. Portanto, uma ecologia pessoal envolve o autorrespeito, o autocuidado, mudanças de atitudes que incorporem o consumo consciente e o desenvolvimento de valores menos materialistas. Uma ecologia social aponta para um comportamento voltado para o coletivo, tanto humano quanto das outras espécies, visando o respeito às diversas formas de vida, respeito às diferenças de opiniões e de existências, buscando acabar com a cultura da violência, do consumo exacerbado e da competitividade. Uma ecologia ambiental vem integrar as duas primeiras, na medida em que a Terra é, antes de tudo, a nossa casa, dos humanos e não-humanos e, para tanto, deve ser cuidada e respeitada *per si*:

— Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às

relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo (GUATTARI, 2009, p. 8).

As atividades realizadas nesse módulo procuraram desenvolver esta sensibilidade multidimensional. Foi feita uma oficina de Mandalas junto a uma meditação Taoísta, para se desenvolver o aspecto da Ecologia pessoal. Do equilíbrio entre as formas ao equilíbrio interior. Foi discutida a temática da Educação para o “consumo consciente”, com documentários que mostravam o contraste entre a produção em escala mundial de grifes famosas a baixo custo e condições precárias e, às vezes, subumanas de trabalho nos países periféricos, e o *glamour* do mundo da moda, ou mesmo os excessos de superficialismo da narcísica sociedade do espetáculo. Realizou-se, ainda, uma visita técnica a uma feira agroecológica “Feira Terra Viva”, situada no município de Belo Horizonte/MG. Nessa visita, que contou com relatório técnico, os cursistas puderam ver de perto a diversidade de produtos que podem ser feitos pela via da agricultura urbana, pelo pequeno produtor, além da proposta saudável de se trabalhar com os alimentos. O Módulo III finalizou-se com uma aula assistida, ministrada por uma professora convidada sobre o tema “Reaproveitamento de resíduos”, na qual foi feito, conjuntamente, ao final da aula, um bolo de banana com casca.

Por fim, no Módulo IV, foram abordados os princípios da epistemologia ambiental, que, em síntese, propõe a suplantação da racionalidade técnica instrumental por uma racionalidade dita ambiental:

A construção de uma racionalidade ambiental demanda a transformação dos paradigmas científicos tradicionais e a produção de novos conhecimentos, o diálogo, hibridação e integração de saberes, bem como a colaboração de diferentes especialidades, propondo a organização interdisciplinar do conhecimento para o desenvolvimento sustentável (LEFF, 2006, p. 162).

Foi realizada uma atividade integrada com um grupo de pesquisa da Universidade, que foi a participação em uma oficina de minhocário. Como atividade avaliativa deste último módulo, uma visita Ecopedagógica foi realizada no sítio de permacultura SETE ECOS, situado no município de Sete Lagoas/MG. Finalizou-se o último módulo com a apresentação, pela aluna bolsista do projeto, da proposta de elaboração de uma Agenda 21 Local, construída conjuntamente com todos os participantes do curso. Houve a entrega dos certificados de conclusão do curso.

Procurou-se desenvolver, ao longo da capacitação, aulas teóricas e práticas, abordando técnicas do Diagnóstico Participativo, estudos de Percepção Ambiental, jogos colaborativos e vivências. Os estudos de percepção ambiental foram realizados por meio da técnica “travessia do lugar/ mapas mentais”, que consiste em uma metodologia qualitativa em que os aspectos subjetivos do indivíduo se destacam por meio de sua percepção em relação ao meio. A partir dos dados obtidos, elaborou-se uma escala em três níveis, caracterizados como “distantes da realidade”, “intermediário” e “próximo da realidade”. Dos 9

mapas analisados, 7 foram considerados "distantes da realidade", e apenas dois se encaixaram no nível "próximo da realidade", permitindo avaliar que a maioria dos cursistas revelou uma percepção de pouca interação com o meio ambiente. A técnica do Diagnóstico Participativo, denominada "Biomapa", consistiu em uma construção conjunta do mapa do espaço, interno e externo, utilizado pela UEMG Unidade Ibirité. Tanto a escala de "mapas mentais", quanto o "Biomapa", foram elaborados de forma participativa, após a utilização da técnica denominada "travessia do lugar", ou seja, um passeio guiado a diversos lugares que compõem o *campus*. A elaboração do Biomapa possibilitou a visualização de algumas demandas socioambientais locais, expressas de maneira sistematizada, por meio de outra técnica participativa denominada "Árvore de desafios". Foram detectados dez principais desafios socioambientais pelos cursistas: córrego poluído; alto índice de proliferação do mosquito *Aedes aegypti*; ausência de reciclagem de papel; dificuldades no compartilhamento do espaço entre a UEMG Unidade Ibirité e a Fundação Helena Antipoff (FHA) (ambas instituições funcionam no mesmo espaço, sendo parte deste espaço cedido pela FHA à UEMG, e parte do terreno compartilhado); necessidade de maior divulgação e interação com a comunidade externa; falta de *xerox* dentro do *campus*; descarte do óleo de cozinha; destinação do lixo, que já conta com coleta seletiva dentro do *campus*; ausência de um restaurante universitário e precariedade na manutenção dos laboratórios de pesquisa. Após este primeiro diagnóstico, foi elaborado um "Diagrama de Venn", técnica participativa com o intuito da busca de parcerias que pudessem cooperar na solução

dos problemas levantados. Foram apontados como parceiros potenciais a Fundação Helena Antipoff, docentes da Unidade que executam projetos ambientais e/ou socioambientais, o Centro de Ecologia Integral (CEI), a Prefeitura de Ibirité e a Petrobrás.

O diagnóstico dos projetos socioambientais desenvolvidos na UEMG Unidade Ibirité veio agregar a proposta da Agenda 21 Local, na medida em que a Unidade desenvolve diversos projetos de cunho socioambiental, tais como os estudos da biodiversidade em quintais, uso de compostagem em hortas orgânicas, educação para posse responsável de animais em Ibirité/MG e jardins suspensos de plantas medicinais para o combate ao *Aedes aegypti*, entre outros.

## **Resultados**

O curso de extensão Ecopedagogia e Ecologia Integral obteve como resultado a formação de nove cursistas, incluindo as comunidades interna e externa da Universidade, além da participação de servidores públicos em alguns módulos. As diversas atividades fora do ambiente Universitário agregaram na formação dos cursistas e foram todas vistas como um resultado positivo no aprendizado, em campo, dos temas teóricos abordados durante o curso. A visita ao sítio de permacultura SETE ECOS, na Serra de Santa Helena, município de Sete Lagoas/MG, no qual passou-se um dia inteiro. O dono do sítio e coordenador dos projetos ali executados ensinou sobre captação de água da chuva para a construção de

reservatórios naturais, galinheiros móveis que auxiliam no cultivo da terra, banheiro seco e telhado vivo. Além das técnicas de permacultura, que respeitam a diversidade da flora no cultivo de multiculturas e na preservação das matas nativas. A visita ao Sítio foi uma oportunidade de observar e apreender um estilo de vida mais integrado nos movimentos da própria natureza, o que produz, entre diversos benefícios, uma vida mais autossustentável e com mínimo impacto ambiental.

A oficina do Jogo da Carta da Terra, realizada no Parque das Mangabeiras, com um dos criadores do jogo, oportunizou-nos a momentos de interação social e com a natureza, além do aprendizado dos princípios da Carta da Terra em um jogo colaborativo, no qual todos os participantes, em conjunto, deveriam contribuir para o alcance dos objetivos, alcançando o equilíbrio dos ecossistemas. Dessa atividade assimilou-se a importância das atitudes colaborativas, além da consciência do impacto das ações sociais no meio natural. Da visita à feira de agroecologia Terra Viva, no bairro Floresta, em Belo Horizonte, foram feitos diversos contatos e possíveis parcerias futuras, donde se aprendeu, além do conhecimento da produção sem agrotóxicos e com produtos naturais o alimento, cosméticos, repelentes e arte e artesanato, a riqueza de se trabalhar em rede.

Outros resultados obtidos em forma de produto foram a construção de uma página no Facebook, para divulgação do Curso, publicação de fotos das atividades e eventos e postagens de conteúdos pertinentes às temáticas



abordadas e a elaborado de material didático, na forma de apostilas em todos os módulos.

Tanto o objetivo de execução do curso de extensão quanto a proposta de elaboração da Agenda 21 Local foram alcançados. Com o destaque para a primeira ação da Agenda 21 Local que, no ano seguinte, foi implementada na UEMG de Ibirité, em parceria com a FHA e com projetos extensionistas de cunho socioambiental de outros docentes, com a proposta inicial de se fazer a redução no consumo de copos plásticos, papel, energia e água, além da gestão sustentável dos resíduos pela revitalização da coleta seletiva do lixo, do envio dos papéis descartados para uma associação de catadores de papel, ASPRATI, da substituição gradual dos copos descartáveis por canecas, entre outras ações que se pretendem contínuas.

### **Considerações finais**

A Ecopedagogia propõe um conceito que consegue relacionar o local com o global. É o conceito de cidadania planetária, que requer de nós o reconhecimento de que somos parte da Terra e de que podemos perecer com a sua destruição ou podemos viver com ela em harmonia, participando do seu devir (GADOTTI, 2000). Com uma perspectiva holística, na busca da aquisição de valores tais como solidariedade e respeito ao próximo, às gerações presentes e futuras, à diferença e à biodiversidade, a Ecopedagogia caracteriza-se pelo desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de encontrar solução

para os problemas; pela multiplicidade de métodos e por estimular o processo participativo na tomada de decisão; por ser aplicável e por estar estreitamente relacionado com a vida local (UNESCO, 2005). Segundo Gadotti (2000), os holistas sustentam que a utopia e o imaginário são instituintes da nova sociedade e da nova educação. Recusa-se, assim, uma ordem fundada na racionalidade instrumental, na medida em que menospreza o desejo, a paixão, o olhar, a escuta. Nesta perspectiva de uma educação do futuro, a ecopedagogia é uma pedagogia para a promoção da aprendizagem do *sentido das coisas a partir da vida cotidiana* (GADOTTI, 2000, p. 80). É, portanto, democrática, solidária, relacional e, sobretudo, uma pedagogia ética, uma “ética universal do ser humano”. Compreendendo-se, aqui, a ética como a própria essência do ato educativo.

Como aspecto complementar, a proposta da Ecologia Integral é expandir a ética ecológica, de respeito ao meio ambiente, às dimensões pessoal, social e ambiental. Segundo Guattari (2009), as formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender a problemática socioambiental no conjunto de suas implicações. Isto se dá porque ainda se encontram submersos em uma visão tecnocrática, tendo como resultado uma conscientização apenas parcial. Na sua opinião, somente uma articulação ético-política, a qual denomina “ecosofia”, poderia esclarecer convenientemente tais questões. O conceito ecosofia é, portanto, um convite à abertura da consciência entre os três registros ecológicos, o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana (GUATTARI, 2009).

Ao ampliarmos a nossa percepção de mundo, considerando-nos como integrantes do ambiente, não somente construído, mas também o natural, estaremos mais interessados em cuidarmos de nós mesmos e também do mundo que nos circunda. Em outras palavras, estaremos mais habilitados para compreender o inter-relacionamento de problemas tais como pobreza, consumo predatório, degradação ambiental, deterioração urbana, saúde, conflitos e violação dos direitos humanos (UNESCO, 2005).

O esforço de se trabalhar e contribuir para a mudança de valores e percepção de mundo, de modo que impactem em ações conjuntas de sustentabilidade deve ser contínuo, visto ser um desafio permanente. Ademais, pode-se afirmar, através de Leonardo Boff (2011) que “Sem uma educação sustentável, a Terra continuará apenas sendo considerada como espaço de nosso sustento e de domínio técnico-tecnológico, mas não será o espaço de vida, o espaço do aconchego, de ‘cuidado’” (BOFF, 2011, p. 57).

### **Sobre o projeto**

Projeto de Extensão aprovado em Edital nº. 01/2016 – PAEX/UEMG, Programa de Apoio à Extensão, vinculado à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Executado sem financiamento, com recursos próprios e apoio da Fundação Helena Antipoff (FHA). Contemplado com uma bolsa para aluna, que assessorou na organização do Curso e apresentou a proposta de futura Agenda 21 Local.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, MEC, 2012.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Agenda 21 Global**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

BOLEIZ Junior, Flávio. **A Ecopedagogia enquanto marco ético para o cotidiano escolar**. São Paulo: Secretaria Estadual do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://homologa.ambiente.sp.gov.br/ea/adm/admarqs/FlavioB.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. 17ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BRUNDTLAND, Gro Harlem (org.). **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: FGV, Relatório da Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1988.

CASCINO, Fábio Alberti. **Educação Ambiental: Princípios, História, Formação de Professores**, 3ª ed. São Paulo: SENAC, 2003.

CASTORIADIS, Cornelius; COHN-BENDIT, Daniel. **Da ecologia à autonomia**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DEMO, Pedro. **Participação e meio ambiente: uma proposta educativa preliminar**. Distrito Federal: SEMA, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática Educativa**. 43ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

GORE, Albert. **A Terra em balanço: ecologia e o espírito humano**. São Paulo: Global, 2008.

GATTARI, Félix. **As três ecologias**. 20ª ed. Campinas: Papirus, 2009.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LOVELOCK, James. **Gaia: um novo olhar sobre a vida na Terra**. 4ª ed. Lisboa: Edições 70, 1987.

MACGREGOR, Cynthia. **150 Jogos Não-competitivos para Crianças**. São Paulo: Madras, 2005.

MATSUSHIMA, Kazue (Coord). **Guia do professor de 1º e 2º Graus**. CETESB – Série Educação Ambiental. São Paulo: CLY, 1987.

MEADOWS, Donella. **Os limites do crescimento**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia (org.). **Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

UNESCO. **Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, 2005-2014: documento final do plano internacional de implementação**. Brasília: UNESCO, OREALC, 2005.